

HAAG, Cassiano Ricardo; OTHERO, Gabriel de Ávila. (2004). O lugar da língua falada no ensino de língua materna – resenha do livro “A língua falada no ensino de português”, de Ataliba Teixeira de Castilho. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. Ano 2, n. 2. [www.revelhp.cjb.net]

O LUGAR DA LÍNGUA FALADA NO ENSINO DE LÍNGUA MATERNA

Cassiano Ricardo Haag¹

Gabriel de Ávila Othero²

0854850@icaro.unisinos.br

gabnh@terra.com.br

A língua falada no ensino de português, de Ataliba de Castilho, publicado pela editora Contexto, não é um simples livro. É um verdadeiro *curso* introdutório sobre Análise da Conversação e sua aplicação nos Ensinos Fundamental e Médio. Ao se ler o livro, tem-se a impressão de estar diante do professor titular da USP, Ataliba de Castilho, cuja obra já pode ser considerada “patrimônio nacional”, tamanha sua importância. Esse pequeno livro – de menos de 160 páginas – é um curso, pois, em um livro comum, não há tantas dicas de leitura. Em um livro teórico, não há uma linguagem tão “solta”, como a que podemos *ouvir* em um curso, ou em uma palestra, ou *ler* no livro de Castilho. Um livro teórico comum se preocupa apenas em defender suas teorias; o livro desse professor Castilho instiga e desafia o leitor a adotar sua proposta como se este estivesse sendo persuadido pessoalmente pelo autor. Se mesmo a modalidade escrita da língua é dialógica, isso fica ainda mais evidente nesse livro, e o autor ainda tenta mostrar que esse tom de diálogo é importante para a constituição do livro grafando sempre um “Você” com letra maiúscula.

Essa obra é uma proposta para incluir o estudo da língua falada nas aulas de português dos Ensinos Fundamental e Médio. Vem a calhar, uma vez que muitos nomes da nossa lingüística, como Luiz Antônio Marcuschi, Marcos Bagno e Maria Helena de

¹ Universidade do Vale dos Sinos – UNISINOS.

² Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS.

Moura Neves, entre outros, já chamaram a atenção para o fato de que estão entre as maiores deficiências dos livros didáticos de língua materna aqui no Brasil (i) a omissão no tratamento da oralidade e (ii) seu tratamento equivocado, apresentando, muitas vezes, a dicotomia “língua escrita como linguagem formal” e “língua falada como informal”. É difícil saber o que é pior, pois, no primeiro caso, a modalidade falada da língua é tida como irrelevante, não-digna de ser estudada e, no segundo, ela é fonte inspiradora de equívocos, em ambos os casos, sendo menosprezada em relação a sua modalidade escrita.

O livro apresenta uma belíssima Introdução, seguida de três capítulos: “a conversação”, “o texto” e “a sentença”. Na Introdução, Ataliba de Castilho contextualiza o assunto do livro apresentando as três grandes crises que, segundo o autor, afetam o ensino de Língua Portuguesa. A primeira delas é a crise social, provocada pelo rápido processo de urbanização que o país sofreu no século XX. Aqui o autor apresenta dados importantes para se compreender o fenômeno. A segunda é a crise científica, uma vez que, conforme Castilho, as três grandes teorias lingüísticas - que enfocam a língua como atividade mental, como estrutura ou como atividade social - oscilam enfocando ora o enunciado, ora a enunciação, o que gera a terceira grande crise que afeta o ensino de língua materna no Brasil: a do magistério. Essa oscilação de paradigmas científicos leva os professores a dúvidas constantes sobre "o que ensinar", "como", "para quem" e até "para quê" ensinar. A essas preocupações, de acordo com Castilho, somam-se os materiais didáticos repetitivos, os baixos salários do magistério, e ainda, as deficiências na formação dos professores, que, muitas vezes, é conservadora demais para um período de mudanças de paradigmas como o nosso.

Ainda na Introdução, o autor apresenta a Teoria Modular, segundo a qual as línguas naturais compõem-se de três módulos (discursivo, semântico e gramatical), interligados pelo léxico. O módulo discursivo compreende aquilo que diz respeito às negociações entre os sujeitos implicadas na situação de enunciação. O módulo semântico suporta tudo o que se refere ao sentido. As noções de Fonologia, Morfologia e Sintaxe concentram-se no módulo gramatical.

No capítulo I - "A conversação" -, o professor Ataliba demonstra ao leitor como iniciar o trabalho com um *corpus* de língua falada. Primeiro, Castilho explicita os princípios básicos da conversação, fala sobre os tipos de conversação e explica por que esta é considerada uma *atividade dinâmica*. Após isso, o autor sugere algumas formas de se obter um *corpus* falado, dá dicas importantes sobre transcrição para professores

que têm coragem de se aventurar pela mata "quase virgem" da conversação. Castilho, nesse capítulo, ainda esclarece pontos fundamentais para a Análise da Conversação, como os turnos conversacionais, o princípio de projeção interacional, a manutenção e a passagem de turno, o sistema de correção, os pares adjacentes e os marcadores conversacionais.

O capítulo II - "O texto" - procura mostrar uma forma como se pode encarar os textos produzidos por conversações. Na proposta de Ataliba de Castilho, os textos se constroem a partir de três movimentos: de ativação, de reativação e de desativação. Ou seja, os falantes manipulam, em uma situação de interação, simultaneamente, os módulos discursivo, semântico e gramatical, mediados pelo léxico, formando textos, através dos movimentos de ativação, reativação e desativação das propriedades semânticas e gramaticais do léxico. A Teoria da Articulação Tema-Rema é acrescentada nesse capítulo para auxiliar a explicação sobre como se constroem e progridem os textos na modalidade falada.

"A sentença", último capítulo do livro em que Ataliba de Castilho trabalhou 12 anos e que já está na 4ª edição, trata da sentença não apenas valendo-se da forma tradicional de análise sintática, como também da Sintaxe Gerativa, e ainda, vale-se da Teoria da Estrutura Argumental da Sentença, tomando o verbo como núcleo sentencial, em substituição da bipartição sujeito-predicado.

Ao longo de todo o livro, Ataliba de Castilho traz pontos de vista diferentes sobre o mesmo assunto, sugerindo a possibilidade de escolha, do leitor, por aquela abordagem que mais lhe agrada e lembrando, ainda, que, no momento da prática em sala de aula, o leitor-professor e seus alunos devem ser seus "gramáticos preferidos". Dessa forma, o autor mostra estar preocupado também com um ensino emancipatório, em detrimento dos tradicionais "pontos de gramática", das fórmulas prontas. Como provavelmente já foi percebido, o autor mostra-se, nessa proposta, extremamente eclético nas teorias utilizadas, característica prestigiada por Castilho quando se refere aos professores.

Conforme o próprio Castilho, "a proposta (i) valoriza o educando, tomando sua própria linguagem como ponto de partida para as reflexões, (ii) muda a relação professor-aluno, transformando as aulas em momentos de descoberta científica (...) (iii) coloca o texto como ponto de partida, de que a sentença será o ponto de chegada, e (iv) divulga achados sobre a Língua Portuguesa constantes de pesquisas recentes, e, mais que tudo (v) liquida de vez a mania redutora e excludente de resumir as aulas de português a uma questão de certo/errado" (p. 145).

Resenha de CASTILHO, Ataliba Texeira de. (2002). *A língua falada no ensino de português*. 4. ed. São Paulo: Contexto. 159 p.